



# Da música “*Girl from Rio*” de Anitta para o campo da Educação Física: uma interpretação sobre os corpos femininos

*From the song “Girl from Rio” by Anitta to the field of Physical Education: an interpretation on female bodies*  
*De la canción “Girl from Rio” de anitta al campo de la Educación Física: una interpretación sobre los cuerpos femeninos*

Roberta de Souza Gomes   
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.   
[betadylong@hotmail.com](mailto:betadylong@hotmail.com)

Alan Camargo Silva   
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.   
[alancamargo10@gmail.com](mailto:alancamargo10@gmail.com)

10.31668/praxia.v4i0.13364 

**Resumo:** O presente trabalho teve como objetivo analisar como a música “*Girl from Rio*” da cantora Anitta pode revelar representações relacionadas ao corpo, em especial, o feminino/carioca; e de que formas contribuem sobremaneira para pensar as intervenções acadêmicas e profissionais, sobretudo no campo da Educação Física escolar. Fundamentou-se metodologicamente na análise de conteúdo da letra da música em tela com base em enunciações linguísticas. Os resultados indicaram que tal música revela aspectos socioculturais referentes à diversidade, aos estereótipos ou à mercadorização e à sexualização dos corpos cariocas femininos. Concluiu-se que a área da Educação Física pode se apropriar desses tipos de materiais artísticos a fim de problematizar os processos identitários relacionados ao corpo, especialmente no âmbito educacional.

**Abstract:** The present work aimed to analyze how the song “*Girl from Rio*” by singer Anitta can reveal representations related to the body, especially the feminine/carioca; and in what ways they greatly contribute to thinking about academic and professional interventions, especially in the field of school Physical Education. It was methodologically based on the content analysis of the lyrics of the song on screen based on linguistic utterances. The results indicated that such music reveals sociocultural aspects related to diversity, stereotypes or the commodification and sexualization of female carioca bodies. It was concluded that the area of Physical Education can appropriate these types of artistic materials in order to problematize the identity processes related to the body, especially in the educational field.

**Resumen:** El presente trabajo tuvo como objetivo analizar cómo la canción “*Girl from Rio*” de la cantante Anitta puede revelar representaciones relacionadas con el cuerpo, especialmente el femenino/carioca; y de qué manera contribuyen en gran medida a pensar las intervenciones académicas y profesionales, especialmente en el campo de la Educación Física escolar. Se basó metodológicamente en el análisis de contenido de la letra de la canción en pantalla a partir de enunciados lingüísticos. Los resultados indicaron que dicha música revela aspectos socioculturales relacionados con la diversidad, los estereotipos o la mercantilización y sexualización de los cuerpos femeninos cariocas. Se concluyó que el área de Educación Física puede apropiarse de este tipo de materiales artísticos para problematizar los procesos identitarios relacionados con el cuerpo, especialmente en el campo educativo.

**Palavras-chave:**

Educação Física.  
Corpo humano.  
Música.  
Humanidades.

**Keywords:**

Physical Education.  
Human body.  
Song.  
Humanities.

**Palabras clave:**

Educación Física.  
Cuerpo humano.  
Canción.  
Humanidades.



## Considerações iniciais

No Brasil, o *funk* pode ser considerado um gênero de música oriundo do Rio de Janeiro, constituído da apropriação do *soul* e do *hip-hop* nova-iorquinos, como também do Miami *bass* da década de 1970 (MIZRAHI, 2018). As intersecções de temas sobre corpo, camada social, gênero e sexualidade fazem parte das letras das músicas desse ritmo musical, que permeia a cidade carioca.

É um ritmo musical único frequentemente associado aos jovens que moram nas favelas e periferias da cidade. Entretanto, esse gênero musical não se caracteriza pela divisão entre a “favela” e o “asfalto” ou a “comunidade” contra a “sociedade”. O *funk*, em especial, o carioca, é resultado do encontro de diferentes classes sociais. Destarte, o *funk* além de se apresentar como gênero musical, que foi criado por artistas cariocas na virada da década de 1990, também é capaz de articular diferentes camadas da sociedade (MIZRAHI, 2013).

Com base em um breve resgate do que vem sendo produzido academicamente sobre o *funk* nos últimos anos, argumenta-se que os trabalhos teóricos e teórico-empíricos costumam assumir distintas perspectivas analíticas e ensaísticas. Há trabalhos que se preocupam eminentemente com a relação entre estética, consumo e o *funk* carioca (MIZRAHI, 2016). Outros estudos investigam a moda no universo do *funk* (MIZRAHI, 2019). Pode-se também observar pesquisas que focam a tematização do *funk* na escola (SOUSA *et al.*, 2018).

Ainda que exista uma produção de conhecimento acerca do ritmo musical *funk*, torna-se relevante na atualidade realizar investigações sobre como esse gênero pode contribuir para debates e estudos acerca da compreensão do corpo, e como essas reflexões fazem pensar a produção do conhecimento e a prática profissional no âmbito da Educação Física escolar. O *funk* se faz presente em diversos ambientes sociais e, por grande parte das músicas abordar temas relacionados ao corpo, torna-se importante que seja trabalhado no âmbito da Educação Física, em especial na escola, tendo em vista que é um espaço eminentemente de formação no sentido de tratar sobre temas de diversas manifestações da cultura corporal (BOCCHINI; MALDONADO, 2014; BIANCHETTI; ISSE, 2018). Tal fato se torna ainda mais interessante ao considerar que o corpo pode ser compreendido como uma construção sociocultural (LE BRETON, 2016) e, sobretudo, esquadrinhado por diferentes marcadores sociais da diferença, como o de gênero e de classe social, conforme classicamente delineado por Scott (1995).

Desse modo, destaca-se a necessidade de se investir cada vez mais em pesquisas científicas com objetivo de compreender como o *funk* pode contribuir para debates de elementos socioculturais que permeiam a sociedade (CARDEAL, 2019;

MIZRAHI, 2013; MIZRAHI, 2018; SILVA, 2017). Neste contexto, o problema do estudo em tela parte especificamente da seguinte questão norteadora: de que forma a música “*Girl from Rio*” pode contribuir para o campo da Educação Física escolar com base, em especial, na problematização dos corpos das mulheres cariocas? Sabe-se que as relações entre as musicalidades e os contextos socioculturais onde são produzidas podem fornecer subsídios reflexivos sobre diversos temas fundamentais para atuação de professores/ profissionais/ pesquisadores da área, no caso aqui, nas palavras de Boltanski (2004), voltados à chamada “cultura somática”.

Assim, o presente trabalho teve como objetivo analisar como a música “*Girl from Rio*” da cantora Anitta pode revelar representações relacionadas ao corpo, em especial, o feminino/carioca; e de que formas contribuem sobremaneira para pensar as intervenções acadêmicas e profissionais, sobretudo no campo da Educação Física escolar.

## Procedimentos teórico-metodológicos

A partir da abordagem descritiva e qualitativa (FLICK, 2004), o presente estudo voltou-se especialmente à análise simbólica da tríade do processo linguístico-artístico-social. Inspirou-se na perspectiva de Bourdieu (2020) quando se reporta à ideia de que a linguagem é performativa, isto é, as palavras “fazem as coisas existirem” com uma “eficácia real” que impacta na vida social dos agentes sociais. Acrescenta-se ainda que a obra de Bourdieu (2000) sobre a dominação masculina estabeleceu-se como ponto de partida teórico-metodológico desse trabalho a fim de repensar e estranhar a linguagem dirigida às mulheres em dado contexto sociocultural.

Nessa direção, aponta-se que a música “*Girl from Rio*” foi selecionada para análise pelos seguintes critérios: a) representatividade da cantora no âmbito nacional e internacional; b) premiações e enunciações midiáticas sobre a cantora no que diz respeito ao suposto empoderamento feminino; c) conteúdo artístico relacionado aos corpos femininos; d) letra voltada particularmente à cidade do Rio de Janeiro; e) atualidade do lançamento (ano de 2021). A representatividade da cantora e suas premiações foram eleitas como critérios a fim de justificar a relevância ou o impacto de Anitta no cenário brasileiro e estrangeiro. Privilegiou-se o recorte gênero (feminino) e espaço (cidade do Rio de Janeiro) com base na proposta de articular como a (des)valorização de tais corpos podem ser cruciais para os debates na Educação Física em seus espaços de atuação. Por fim, delimitou-se a atualidade a fim de buscar compreender o que vem sendo efetivamente “publicizado” sobre esse tema na contemporaneidade, principalmente nos meios de entretenimento/comunicação.

Para o tratamento qualitativo da música, que possui três minutos e 14 segundos<sup>1</sup>, a letra foi investigada com base na análise de conteúdo de Turato (2011) que busca realizar um processo de categorização a partir de expressões textuais (versos e estrofes). Nesse sentido, por meio da repetição e da relevância das enunciações destacadas na música, foi possível criar três categorias referentes aos corpos cariocas femininos: a) Diversidade; b) Estereótipos e mercadorização; c) Sexualização.

## **Apresentação e discussão dos resultados**

Objetivando situar a cantora no cenário artístico-social, criou-se aqui a primeira seção “Conhecendo a cantora e a música” com o propósito de inaugurar as reflexões do presente trabalho a partir da trajetória de vida da cantora Anitta, desde a infância até a sua entrada no universo da música. Em seguida, a segunda seção intitulada “Contribuições, articulações ou possibilidades reflexivas para o campo da Educação Física” explora justamente como a música em tela revela temas sobre o corpo potencialmente importantes para se debater no âmbito da Educação Física escolar.

### **Conhecendo a cantora e a música**

Larissa de Macedo Machado, popularmente conhecida como Anitta, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 30 de março de 1993. A cantora é filha mais nova da artesã Miriam Macedo e do vendedor Mauro Machado, tendo como seu primeiro produtor artístico o irmão Renan Machado (SILVA, 2017).

Anitta iniciou sua trajetória musical cantando no coral da Igreja Santa Luzia, localizada no bairro Honório Gurgel, aos oito anos de idade, devido ao incentivo dos seus avós maternos. Com 11 anos de idade entrou para as aulas de dança de salão, e na mesma época com o dinheiro da sua mesada começou um curso de inglês. Concluiu o curso técnico de administração em uma escola da Tijuca, e um ano depois estagiou na mineradora Vale do Rio Doce (CARDEAL, 2019).

Em 2010, Anitta publicou um vídeo na plataforma do *YouTube*, e o produtor Renato Azevedo da gravadora Furacão 2000, despertou interesse pela cantora a convidando para assinar contrato (SILVA, 2017). Com a potencialização da *internet* no âmbito da música e o surgimento de plataformas de *streaming* e aplicativos de músicas, o acesso às canções produzidas pelos músicos cresce exponencialmente. Anitta se beneficiou desse crescimento da *internet* no espaço da música, pois é a artista brasileira mais acessada no *Spotify* (aplicativo de música) e é a única brasileira a ingressar na lista Top 50 da *Billboard* (CARDEAL, 2019).

Anitta optou por gerenciar a própria carreira após enfrentar alguns problemas com empresários. Agora além de ser uma cantora considerada de sucesso, Anitta ganha a identidade de empresária (CARDEAL, 2019).

Vale registrar que a música “Girl from Rio” realiza o encontro entre duas regiões de uma única cidade, mas em épocas distintas: o Rio de Janeiro da Bossa Nova dos anos de 1964 e 1965, localizado na zona sul, especificamente no bairro Ipanema; com o Rio de Janeiro do Piscinão de Ramos dos anos 2000, localizado em Ramos, um bairro da zona norte da cidade.

O clipe da música contou com a direção de Giovanni Bianco (diretor que possui parcerias com a cantora desde 2015), com o diretor de moda Daniel Ueda, e com o editor de vídeo Jeff Selis (BARBOSA, 2021).

Assim, tal música sugere um Rio de Janeiro diferente daquele apresentado pelos meios de comunicação: em que os bairros de luxo da cidade recebem destaque, e os corpos das cariocas obedecem aos rígidos padrões de beleza impostos pelas mídias e, como consequência, pela sociedade (GONTIJO, 2007). Embora não seja objetivo central desse trabalho analisar o clipe em si, cabe lembrar que, ao longo das filmagens, esta música é interpretada predominantemente no cenário de um bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro, Ramos, ou melhor, no piscinão de Ramos.

**Figura 01** – Anitta e sua família no Piscinão de Ramos.



Fonte: Jornal O Globo (2021).

## **Contribuições, articulações ou possibilidades reflexivas para o campo da Educação Física**

A partir da lógica de que uma música faz parte do contexto social onde é discursivamente produzida e vinculada (BAUER, 2010), foi possível identificar três categorias: 1) Diversidade; 2) Estereótipos e mercadorização; 3) Sexualização.

Em primeiro lugar, no que diz respeito à categoria “diversidade”, foi possível apreender uma legitimação de outros corpos cariocas para além daqueles femininos historicamente atrelados à cidade do Rio de Janeiro:

*Hot girls, where I'm from, we don't like models.*  
 (Lindas garotas, de onde eu sou, não parecemos modelos).  
*Tan lines, big curves and the energy glows.*  
 (Marquinhas de bronzeado, curvas largas e a energia brilha).

Nesta estrofe, por exemplo, é possível identificar características físicas teoricamente particulares das mulheres cariocas: “bronzeado e curvas largas”. A música de 2021 estudada aqui se coaduna com o que ocorreu em 1965 na construção de um ícone identitário da cidade do Rio de Janeiro: o “broto carioca”. Acreditava-se que a mulher que recebia o apelido de “broto carioca” possuía um corpo bronzeado, magro, mas com curvas, e a partir de então estas características passaram a constituir um *ethos* carioca (MAUAD, 2016).

No caso específico da música “*Girl from Rio*”, percebe-se que são corpos com curvas largas, marca de bronzeado, corpos que chamam atenção, ou seja, são “corpos reais”. Entende-se como “corpos reais” aqueles que não passaram por um grande processo de transformação. Dentre algumas modificações corporais, podem-se destacar: implantes, próteses, enxertos, procedimentos estéticos e uso de recursos digitais (LE BRETON, 2003).

Exemplarmente, no verso “Lindas garotas, de onde sou, não parecemos modelo”, destaca-se o fato de que para ser considerada bela não necessariamente deve-se possuir corpos magros ou musculosos, como as tradicionais modelos. Através da mídia a exigência por um corpo escultural além de atingir as mulheres famosas, alcança também aquelas que não são conhecidas pelo público (GOLDENBERG; RAMOS, 2007). Exemplo destes corpos a serem seguidos são as musas *fitness* que estão presentes nas redes sociais, principalmente no *Instagram*. São corpos que buscam pelo aumento da massa muscular ou emagrecimento, e para isto utilizam-se de dietas rígidas, exercícios físicos e procedimentos estéticos (VENTURINI *et al.*, 2020).

A própria cantora Anitta se inclui neste grupo (“não parecemos”) que abrange mulheres cariocas que são belas, mas que não moram ou transitam pelos bairros da zona sul do Rio de Janeiro. A mulher carioca é lembrada em outros estados do Brasil, e principalmente em outros países como “a moça do corpo dourado do sol de Ipanema”. Este é um trecho de uma das canções brasileiras mais conhecidas internacionalmente: *Garota de Ipanema*, escrita por Vinícius de Moraes e Tom Jobim na década de 1960. Neste verso, pode-se notar a idealização de uma mulher de pele bronzeada, com o costume de frequentar a praia e moradora da zona sul carioca (MAUD, 2016).

No trecho “Marquinhas de bronzeado, curvas largas e a energia brilha”, pode-se perceber também características que são supostamente únicas dos corpos da carioca. A primeira seria a “marquinha de bronzeado” que são conquistadas pelas mulheres cariocas que moram na zona norte do Rio de Janeiro se expondo ao sol em uma área externa da própria casa, localizada no espaço superior: a laje. Frequentemente as mulheres utilizam fitas adesivas e as colam no corpo com objetivo de ressaltar a marca do bronzeado. Esta marca pode ser considerada uma forma de “inscrição corporal”, assim como a tatuagem e o *piercing* também são para outros grupos sociais. A tatuagem e o *piercing*, assim como o bronzeado, são considerados acessórios de beleza, que contribuem no sentimento de identidade do indivíduo (LE BRETON, 2004) e, à luz de Bourdieu (2007), poderia ser uma forma de distinção entre os grupos sociais.

Na cidade do Rio de Janeiro, o “corpo despido” também faz parte da moda, pelo fato de possibilitar a exposição de particularidades, que não poderiam ser observadas caso estivesse coberto pelas vestimentas. É possível visualizar o silicone, os músculos, as tatuagens e os *piercings*. O corpo carioca possui diversos significados, se observado de maneira cuidadosa (GOLDENBERG, 2007). Logo, é possível visualizar a marca de bronzeado das mulheres cariocas, pelo fato de o corpo estar em constante exposição. O bronzeado possui uma conotação positiva para os moradores ou frequentadores da cidade do Rio de Janeiro, sendo considerado sinônimo de beleza, saúde e prestígio econômico (GOLDENBERG, 2007). Ao bronzeado também pode ser atribuído outro tipo de significado: possuir uma vida em que é possível aproveitar o tempo livre, preferencialmente na praia, um dos espaços públicos mais importantes da cidade (GOLDENBERG, 2007).

Acrescenta-se ainda que o “brilho” se refere à luminosidade presente nas fantasias de carnaval. As cariocas que estão presentes no imaginário dos turistas vestem pouca roupa, com muito brilho, sobressaltos altíssimos e adereços na cabeça: popularmente conhecidas como “mulatas para exportação” (PERROTA, 2018). Tal brilho destacado na música também reporta ao suor dessas mulheres, o que indica como a própria transpiração pode assumir distintas conotações simbólicas, como sinaliza Daolio (2020). Para Silva e Ferreira (2020), o suor deve ser compreendido pelos professores de Educação Física pela perspectiva sociocultural já que pode revelar como determinados grupos sociais lidam com o próprio corpo.

Em síntese, argumenta-se que a categoria “diversidade” de corpos é um aspecto que pode ser tratado nos diversos lugares de atuação dos professores de Educação Física, principalmente nos espaços de formação como a escola. É fundamental que seja debatido os diferentes tipos de corpos para além daqueles

destacados pela mídia, principalmente por considerar que as distintas formas de linguagem são performativas (BOURDIEU, 2020).

Sabe-se que o espaço da Educação Física escolar permite a problematização de saberes e práticas corporais atravessadas por distintos marcadores sociais da diferença (NEIRA, 2019). Assim, tal componente curricular pode questionar narrativas naturalizadas sobre corpo, entendendo que as diferentes lutas, danças, brincadeiras, ginásticas fazem parte do patrimônio cultural, e como cultura deve ser trabalhada no âmbito escolar (AGUIAR; NEIRA, 2016). A Educação Física não precisa se restringir ao ensino do aspecto físico-técnico. Ela também permite trabalhar os conceitos de respeito às diferenças e a inclusão, tanto no âmbito das práticas corporais como na sociedade (FONSECA; MAIA, 2021).

Outra categoria de destaque refere-se aos “estereótipos e mercadorização” no sentido de aludir a uma demarcação de determinadas formas corporais padronizadas e aos processos de consumos associados ao corpo feminino pela visão estrangeira:

*You'll be falling in love with the girl from Rio.*  
(Você vai se apaixonar pela garota do Rio).  
Vai malandra, gringo canta, todo mundo canta.

No verso “vai malandra, gringo canta, todo mundo canta”, é possível perceber a proximidade que os turistas estrangeiros possuem com as mulheres cariocas ao chegarem na cidade, como também o clima festivo e de grande receptividade. A construção da imagem do Rio de Janeiro fora do Brasil também foi e é construída através da percepção dos turistas de outros países (PERROTTA, 2018).

Geralmente o vocábulo “malandra” no contexto utilizado coloca a mulher carioca como vulgar, ou como no jargão da cidade, uma mulher “fácil”. Na sociedade influenciada pelo patriarcalismo, a mulher que se relaciona com muitos homens é considerada “oferecida”. Por outro lado, a mulher que prefere se preservar quantos aos relacionamentos é denominada “mal-amada” (GARCIA; SANTANA, 2020). Portanto julga-se a mulher a partir da visão masculina, discurso esse já denunciado há tempos por Bourdieu (2000).

O trecho “você vai se apaixonar pela garota do Rio” ilustra como é na maioria das vezes estabelecida a relação entre as cariocas e os turistas estrangeiros. Estes se apaixonam por aquelas, ou seja, um sentimento instantâneo, avassalador, incontrolável, mas, ao mesmo tempo, passageiro e não duradouro. A ideia de “liberdade sexual” é transmitida no exterior como uma característica marcante da mulher brasileira, associando a elas à sensualidade e à noção de sexo fácil (CASTRO; PINTO, 2014).

O turismo sexual, por exemplo, pode assumir distintos significados, além da relação entre prostitutas e estrangeiros. Este tipo de turismo oferece diferentes formas

de lazer nas viagens, incluindo a prostituição, que é capaz de conduzir o turista a outros tipos de serviços geradores de renda para a cidade do Rio de Janeiro (PERROTA, 2018).

A mulher carioca ocupa um importante espaço na divulgação do turismo da cidade, que em grande parte das propagandas publicitárias associam a beleza da carioca com as belas paisagens naturais da cidade. Tradicionalmente os cartões-postais destacam os corpos destas mulheres cariocas, salientando nas imagens costas, pernas e nádegas, em detrimento da parte frontal do corpo, como o rosto. Esta dimensão corporal presente nos cartões-postais acaba por vender um Rio de Janeiro com grande apelo sensual (SIQUEIRA; SIQUEIRA, 2011).

Assim, argumenta-se que “estereotipar” ou “mercadorizar” o corpo feminino/carioca perante “os de fora” do Brasil/Rio de Janeiro coloca em xeque o próprio processo complexo e multifacetado de empoderamento das mulheres (CORNWALL, 2018). Isso se complexifica quando a própria letra revela que se trata de um lócus carioca “que não tem nenhum real”. Se por um lado as tais “garotas gostosas” marcadas por determinada camada social são visibilizadas no contexto artístico-musical, por outro, essas mulheres “da favela” enunciadas pela música são “essencializadas” e “consumíveis”.

Desse modo, estudar o corpo no seu aspecto social, cultural e histórico é uma das tarefas desenvolvidas pela Educação Física. Através desta é possível desenvolver um olhar crítico acerca do corpo que aparecem nas mídias, seja nas escolas, academias de ginástica, universidades, e tantos outros espaços de atuação do professor de Educação Física. Nesse sentido, a partir do *funk*, pode-se cada vez mais questionar grande parte do currículo em Educação Física haja vista a predominância de práticas que acaba privilegiando certas identidades (NEIRA, 2019).

Assim, especificamente na escola, por meio desta reflexão, seria possível desvincular o corpo feminino ao conceito de mercadoria que é constantemente transmitido pelos meios de comunicação, logo, com base em Bourdieu (2020), tecendo resistências performativas e identitárias sobre a mulher. Por vezes, o discurso midiático defende que o corpo feminino ideal deve ser magro e definido, visão essa construída a partir de perspectivas binárias e generificadas historicamente (BOURDIEU, 2000). Em suma, tal perspectiva com relação ao estereótipo aumenta a preocupação das mulheres com o corpo, contribuindo para o desenvolvimento de transtornos relacionados à imagem corporal (MARCELINO; BONA, 2021).

Por último, mas não menos importante, emergiu a categoria intitulada “sexualização” em que estabelece associações entre o corpo carioca, a estação do ano



verão e a temperatura “quente” como alusão (ou a objetificação) à sexualidade das mulheres:

*Cause I'm cold like winter, hot like summer (yeah)*  
(Porque eu sou fria como o inverno, quente como o verão (sim))

*Baby, it's my love affair, it's my love affair, yeah (yeah, yeah)*  
(Meu bem, é meu caso amoroso, é meu caso amoroso, sim (sim, sim)).

A cidade do Rio de Janeiro apresenta altas temperaturas, principalmente no verão. Devido a esta característica os moradores costumam usar vestimentas leves e curtas, algo que faz com que o corpo seja constantemente exposto. O corpo desnudo nas praias apresenta o Rio de Janeiro como uma cidade hospitaleira, quente e sensual (SIQUEIRA; SIQUEIRA, 2011).

A cidade é famosa pela sua moda praia-verão, sendo levada para as demais regiões do Brasil e também para outros países. Chinelo de dedo, *shorts*, bermudas, tomara que caia, biquínis e cangas utilizadas como saída de praia, são itens usados por grande parte das cariocas (principalmente por aquelas que frequentam as praias). Logo o conceito de “decente” e “indecente” muda, com relação às vestimentas, sendo comum exibir determinadas partes do corpo, ou deixar este nu (GONTIJO, 2007).

Devido a exposição do corpo, algumas cariocas possuem preocupação de como este será exibido, principalmente nas praias. As formas físicas destas mulheres em combinação com as vestimentas justas remetem a uma espécie de sensualidade. Por vezes, estas características fazem parte do imaginário popular referente ao que é ser mulher no Brasil (CASTRO; PINTO, 2014).

Assim, na música, percebe-se que a mulher carioca se resume a um objeto afetivo-amoroso. No trecho “quente como o verão”, constrói-se a ideia de que elas estão continuamente disponíveis sexualmente. Essa mesma referência pode ser vista em diversos trabalhos (FREYRE, 2003; PONTES, 2004; OLIVEIRA; PEREIRA, 2013).

A referência no trecho “eu precisei deixar outro amante” seguida da explicação “por ele não conseguir lidar com minha personalidade” materializa a mulher que, embora independente e decidida das suas ações para além da clássica dominação masculina (BOURDIEU, 2000), reforça a sequência de tentativas de relacionamentos. Desse modo, com efeito, a carga simbólica do “quente” aqui se remete não somente a “transar”, mas também “não deixar a vida afetivo-amorosa parar”.

Para Perrota (2018), o brasileiro possui desconforto sobre alguns estereótipos formados com relação à população do Brasil, principalmente com a imagem de um povo colonizado e da sensualidade da mulher. Na chegada dos europeus em solo

brasileiro, estes encontraram índias nuas e precisavam desembarcar com cuidado para “não atolar o pé em carne” (FREYRE, 2003). As mulheres colocavam-se à disposição dos colonizadores, estabelecendo assim um intercuro sexual entre os indígenas e europeus (FREYRE, 2003). Assim, com base em Bourdieu (2000 e 2020), pode-se perceber como a música em tela retrata de modo performativo o corpo feminino, carioca ou brasileiro, gerando uma espécie de violência simbólica sobre aquelas que não se encaixam em determinados padrões somáticos.

No âmbito do esporte, por exemplo, pode-se notar também a sexualização dos corpos femininos, pois em modalidades como vôlei de praia, vôlei de quadra, ginástica artística e handebol de praia, as atletas eram obrigadas usar uniformes curtos e justos até recentemente. Elas costumam demonstrar desconforto com este tipo de vestimenta, pelo fato de limitar alguns movimentos, e objetificar o corpo da mulher, por deixá-lo exposto. Em estudo realizado por Pereira *et al.* (2012) é possível observar a diferença como homens e mulheres são retratados pela mídia brasileira. Enquanto os homens aparecem em fotografias que demonstram a força, virilidade e potência, as mulheres são destacadas em fotos que ressaltam principalmente seus atributos físicos e a sensualidade.

Uma razão para deixar o corpo das atletas descoberto durante as competições esportivas é que o público masculino seria atraído para assisti-las. Outro motivo é fazer com que as competidoras não percam a feminilidade, visto que o esporte de alto rendimento remete às características físicas consideradas masculinas pela sociedade, como força, potência e agilidade. A solução encontrada pela mídia para atrair e manter a audiência, durante as competições femininas esportivas foi através da exibição dos corpos das atletas (ROMERO *et al.*, 2014).

Assim, a área de Educação Física escolar, em sua dimensão pedagógica, pode ser responsável por refletir criticamente sobre aspectos entre corpo e sociedade, em especial, acerca do “corpo feminino” cantado ou exercitado em diferentes espaços sociais. Sendo o corpo um elemento que está presente no discurso midiático, a área pode buscar compreender as interfaces com que o corpo se apresenta neste âmbito, seja nas transmissões esportivas (MEZZARROBA *et al.*, 2013) ou em redes sociais como o *Instagram* (VIANA *et al.*, 2021). Tal contribuição da intervenção em Educação Física, especialmente no âmbito educacional, dialoga diretamente com a possibilidade de desmistificar ou demover o que Bourdieu (2020, p. 153) aponta: “na medida em que as instituições se realizam nos corpos e sobretudo, talvez, nas coisas, e nos mecanismos capazes de reproduzir o funcionamento dos corpos e das coisas, elas garantem ao grupo uma permanência que ele não tem em si mesmo”.

Logo, abordar a “sexualização” na área da Educação Física escolar a partir de materiais audiovisuais, como a música em tela, permite ampliar criticamente outros modos de intervir para/com/nos corpos que experienciam a vida ou as práticas corporais para além dos padrões reiterados por algumas produções artísticas. Tal iniciativa educativa vai ao encontro da perspectiva de Nicolino e Paraíso (2018) no sentido de evitar o “silenciamento” desses tipos de tema na escola. Assim, com base nas experiências de trabalhos como de Bocchini e Maldonado (2014); Bianchetti e Isse (2018); Sousa e Maldonado (2018), pode-se argumentar que tal proposta educativa com o *funk* pode descolonizar práticas didático-pedagógicas e mitigar preconceitos ou discriminações que, por vezes, afetam determinados “corpos”, sobretudo femininos e marcados por determinado recorte de camada social.

## Considerações finais

Em termos gerais, a presente pesquisa conseguiu analisar como os corpos femininos cariocas são retratados na música “*Girl from Rio*” de Anitta, e de que maneiras tais representações podem ser potencialmente importantes para o empreendimento não somente de uma agenda de novas pesquisas qualitativas na Educação Física, como também de ações profissionais em diversos campos de atuação, mais precisamente no “chão da escola”. O esforço investigativo do presente trabalho indica que pesquisar ou atuar na área também exige que os professores/profissionais/ pesquisadores se reinventem ou se debrucem em materiais artísticos ricos para a problematização sobre os corpos em diversos espaços de atuação.

Assim, este trabalho não somente buscou aproximar o desenvolvimento de práticas de ensino no âmbito formal da área de Educação Física da realidade social/musical dos discentes, como também permitiu apontar uma alternativa “artística” de afetar pedagogicamente as diversas identidades corporais que circulam na escola. Problematizar e desmistificar os corpos femininos/cariocas a partir do *funk* ou, mais precisamente, a partir da essência linguística de “*Girl from Rio*” de Anitta, potencializa o reconhecimento ou a legitimação de outros corpos historicamente subalternizados ou invisibilizados.

Neste artigo, apreendeu-se relativamente sobre a diversidade de corpos presentes na cidade do Rio de Janeiro, especificamente das mulheres. Foi possível analisar também de que formas os corpos das cariocas são consumidos e em que momento eles se tornam um produto. Por fim, relacionou-se de que modo as altas temperaturas da cidade contribuem para a sexualização do corpo das cariocas.

Embora esse trabalho tenha como limitação metodológica o aprofundamento analítico de uma única música de determinado gênero musical, argumenta-se sobre a

necessidade de estimular ou pulverizar infinitos modos de tratar uma diversidade de materiais artísticos potencialmente importantes para pensar os corpos na área de Educação Física, mais precisamente no espaço da escola. Assim, tendo em vista os achados supracitados, sugere-se, para futuros trabalhos, delineamentos de pesquisa ou relatos de experiências de atuação docente/profissional que adensem essa perspectiva teórico-metodológica sobre as relações entre corpo e sociedade a fim de trazer criticamente à tona inúmeras maneiras de “estar e ser no mundo”.

## Referências

AGUIAR, Camila dos Anjos; NEIRA, Marcos Garcia. O ensino da Educação Física: dos métodos ginásticos à perspectiva cultural. *In*: NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física cultural**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 69-86.

BAUER, Martin W. Análise de ruído e música como dados sociais. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 365-389.

BIANCHETTI, Monique; ISSE, Silvane Fensterseifer. Funk na escola: corpo, cultura e movimento juvenil em pauta. **Kinesis**, Santa Maria, v. 36, n. 3, p. 75-90, 2018.

BOCCHINI, Daniel; MALDONADO, Daniel Teixeira. Estudos culturais em ação, tematizando o funk na escola pública. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 33-44, 2014.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **La dominación masculina**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia geral, vol. 1: lutas de classificação: Curso no Collège de France (1981-1982)**. Petrópolis: Vozes, 2020.

CARDEAL, Fernanda Rebeca de Andrade. **Anitta ou Larissa? Da poderosa à malandra: performatividades e identidades que promovem o empoderamento feminino no funk brasileiro**. 81 f. Monografia (Graduação em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

CASTRO, Ana Lúcia; PINTO, Renata Pires. Corporalidade brasileira na fabricação da identidade nacional. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 50, n. 1, p. 34-40, 2014.

CORNWALL, Andrea. Beyond “empowerment lite”: women’s empowerment, neoliberal development and global justice. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 52, e185202, 2018.

DAOLIO, Jocimar. Corpos e culturas: a atualidade do pensamento de Marcel Mauss. *In*: SILVA, Maria Cecília de Paula; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa. (Org.). **Corpo e cultura**. Natal: EDUFRN, 2020. p. 117-127.

- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FONSECA, Michele Pereira da; MAIA, Maria Vitoria. Formação docente em Educação Física: a perspectiva inclusiva dos documentos oficiais. **Interacções**, Santarém, n. 58, p. 57-81, 2021.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2003.
- GARCIA, Rafael Marques; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Objetificação da mulher na música brasileira: perspectivas discursivas com base nos estudos de gênero. **Revista eletrônica Netli**, Macabéa, v. 9, n. 3, p. 440-457, 2020.
- GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Silva Marcelo. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 41-77.
- GONTIJO, Fabiano. Carioquice ou carioquidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 41-77.
- LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papirus, 2003.
- LE BRETON, David. **La sociologie du corps**. Paris: Puf, 2016.
- LE BRETON, David. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Lisboa: Misótis, 2004.
- MARCELINO, Luiza Pizolati; BONA, Bruna Carolini de. Espelho, espelho meu, que corpo é esse, que não é o meu? Produção científica sobre corpo feminino, Educação Física e mídia. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 33, n. 64, p. 01-22, 2021.
- MAUAD, Ana Maria (Org.). **Fotograficamente Rio, a cidade e os seus temas**. Niterói: LABHOI-UFF/FAPERJ, 2016.
- MEZZAROBA, Cristiano; GARCIA, Luciana Carolline Pina; DORENSKI, Sérgio. Mídia-educação e suas interfaces com a Educação Física: algumas experiências do LABOMIDIA/UFS. **Praxia**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 118-130, 2013.
- MIZRAHI, Mylene. “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos”: mulheres e masculinidades e dinheiro junto ao funk carioca. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 52, 2018.
- MIZRAHI, Mylene. O *funk*, a roupa e o corpo: caminhos para uma abordagem antropológica da moda. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Salvador, v. 8, n. 1, p. 105-121, 2019.

MIZRAHI, Mylene. Produzindo estilo negociando sentidos: arte, mercado e criatividade junto ao *funk* carioca. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 40, p. 252-279, 2016.

MIZRAHI, Mylene. Rio de Janeiro: uma cidade-borgue. **Cadernos de Desenvolvimento Fluminense**, Rio de Janeiro, n. 1, 2013.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica**. 2. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

NICOLINO, Aline Silva; PARAÍSO, Marlucy Alves. Escolarização da sexualidade: o silêncio como prática pedagógica da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 93-106, 2018.

OLIVEIRA, Larissa Arcancho; PEREIRA, Cilene Margarete. Tem mulher no samba: a representação da figura feminina nos sambas das décadas de 1940-50. **Boletim de pesquisa Nelic**, Florianópolis, v. 13, n. 20, p. 125-145, 2013.

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa; PONTES, Vanessa Silva; RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcelos. Jogos Olímpicos de Londres 2012: brasileiros e brasileiras em foco. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 25, n. 2, p. 257-271, 2014.

PERROTA, Isabella Vicente. O corpo carioca no imaginário turístico do Rio de Janeiro. **Ensino e Pesquisa**, União da Vitória, v. 16, n. 2, p. 126-147, 2018.

PONTES, Luciana. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 23, p. 229-256, 2004.

ROMERO, Elaine; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa; MIRAGAYA, Ana Maria de Freitas; SANT'ANNA, Karen Barsaglini Sampaio. Fotos e legendas na mídia esportiva: o caso das atletas, **Salusvita**, Bauru, v. 33, n. 3, p. 285-308, 2014.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Alan Camargo. **Corpos no limite: suplementos alimentares e anabolizantes em academias de ginástica**. Rio de Janeiro: Paco, 2017.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Corpos secos ou molhados? Representações do suor em duas academias de ginástica do Rio de Janeiro. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 61, p. 1-17, 2020.

SILVA, Paula Vieira Félix da. **O show da poderosa: um estudo de caso sobre a carreira da cantora Anitta**. Monografia (Graduação Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação de Brasília, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SIQUEIRA, Euler David de; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Corpo, mito e imaginário nos postais das praias cariocas. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 34, p. 169-187, jan./jun. 2011.

SOUSA, Claudio Aparecido; MALDONADO, Daniel Teixeira; NEIRA, Marcos Garcia. Círculo de cultura e Educação Física: a tematização do *funk* na escola. **Kinesis**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 116-129, 2018.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VENTURINI, Ivana Vedoin; JAEGER, Angelita Alice; OLIVEIRA; Myllena Camargo; SILVA, Paula. Musas *fitness* e a tríade corpo-consumo-felicidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, e26003, 2020.

VIANA, Thaynara Talita Duarte; LEAL, Cátia Regina Assis Almeida; BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. O corpo no *Instagram*: um olhar sobre as postagens do mundo *fitness*. **Praxia**, Goiânia, v. 3, e2021001, 2021.

Recebido em: 29/08/2022

Aprovado em: 18/10/2022

Publicado em: 13/12/2022

---

<sup>i</sup> Youtube. **Girl from Rio**, 2021. 1 vídeo (3 min e 52 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CuyTC8FLICY>. Acesso em: 17 jul. 2021.